RELATO DE EXPERIÊNCIA IDENTIFICADO

TECENDO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO: PROTAGONISMO ESTUDANTIL E CONSTRUÇÃO COLETIVA EM UMA LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

WEAVING SPACES FOR EDUCATION: STUDENT AGENCY AND COLLECTIVE DEVELOPMENT IN A PSYCHOLOGY ACADEMIC LEAGUE

Enya Caroline Boechat do Nascimento[1], Ester Dutra Mamede[1], Noeli de Almeida Godoy[2]

[1] Acadêmicas do curso de Psicologia da Afya Unigranrio - Nova Iguaçu.

[2]Co-autora e Professora orientadora da Liga TEIA - Afya Unigranrio/Nova Iguaçu

E-mail da autora principal: enyacaroline@live.com.

Eixo Temático: Eixo 06 - Cultura, Comunicação e ODS: Estratégias e Desafios Globais

RESUMO

Introdução: As ligas acadêmicas podem ampliar as oportunidades de participação estudantil e integrar formação, extensão e construção coletiva no ensino superior. A TEIA - Território Ético de Intervenção e Acolhimento foi criada por estudantes de Psicologia a partir do reconhecimento de interesses formativos compartilhados. Objetivo: Relatar o processo de criação e consolidação inicial da TEIA, destacando estratégias de organização coletiva e contribuições para o protagonismo estudantil. Descrição da Experiência: Trata-se de relato reflexivo reconstruído a partir das memórias das autoras e de registros institucionais produzidos entre 2025 e 2026. O percurso abrangeu a definição da identidade da Liga, a organização de diretorias, a produção de documentos de governança, a integração de mais de quarenta membros e a realização de ações formativas. Entre seus marcos, destacam-se os acolhimentos de calouros, a construção de uma roda comunitária de mulheres com quarenta anos ou mais e a Semana da Psicologia. Conclusão: A experiência evidenciou que a articulação estudantil pode produzir oportunidades concretas de formação e redes de pertencimento. A consolidação da Liga dependeu da distribuição de responsabilidades, do diálogo institucional e da adoção do acolhimento como estratégia para favorecer relações cooperativas diante da competitividade que pode atravessar a formação acadêmica.
Palavras-chave: Educação superior. Estudantes. Liderança. Participação social. Relações interpessoais.

ABSTRACT

Introduction: Academic leagues can expand opportunities for student participation and integrate education, community engagement, and collective development in higher education. TEIA - Ethical Territory for Intervention and Welcoming was created by Psychology students who recognized shared educational interests. Objective: To report the creation and initial consolidation of TEIA, highlighting collective organization strategies and contributions to student agency. Description of the Experience: This reflective experience report was reconstructed from the authors' memories and institutional records produced between 2025 and 2026. The process included defining the League's identity, organizing departments, producing governance documents, integrating more than forty members, and implementing educational activities. Its milestones included welcoming activities for incoming students, the development of a community circle for women aged forty and older, and Psychology Week. Conclusion: The experience demonstrated that student organization can produce concrete educational opportunities and networks of belonging. The League's consolidation depended on distributing responsibilities, maintaining institutional dialogue, and adopting welcoming as a strategy to foster cooperative relationships in response to competitiveness that may permeate academic education.
Keywords: Education, higher. Students. Leadership. Social participation. Interpersonal relations.

INTRODUÇÃO

A formação universitária não se limita aos componentes curriculares obrigatórios. Espaços de participação e produção coletiva também favorecem autonomia, responsabilidade

e capacidade de intervenção. Na perspectiva de Freire[1,2], ensinar envolve criar possibilidades para a produção do conhecimento, reconhecendo a participação ativa do estudante em sua formação.

No ensino superior brasileiro, a extensão promove a interação transformadora entre instituições de ensino e outros setores da sociedade.[3] As ligas acadêmicas podem integrar esse movimento ao articular conhecimentos, trabalho em equipe e ações de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo na articulação do tripé universitário.

A liga acadêmica Território Ético de Intervenção e Acolhimento (TEIA) foi criada no curso de Psicologia da Afya Unigranrio, campus Nova Iguaçu, a partir do encontro entre duas estudantes que compartilhavam o interesse em ampliar as oportunidades de formação, participação e construção conjunta. O que começou como uma proposta bem inicial, passou a reunir outros estudantes, organizar diretorias e desenvolver ações voltadas à comunidade acadêmica.

A experiência dialoga com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 e, particularmente, com a meta 4.7, que valoriza conhecimentos ligados aos direitos humanos, à cultura de paz, à cidadania e à diversidade.[4] Espaços estudantis participativos podem contribuir para essa agenda por meio da aprendizagem colaborativa e da atuação responsável.

Este relato tem como objetivo descrever o processo de criação e consolidação inicial da TEIA, destacando como a articulação entre estudantes, a organização de responsabilidades e o acolhimento como princípio institucional contribuíram para transformar interesses compartilhados em oportunidades concretas de formação e participação universitária.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Percurso metodológico

Trata-se de relato reflexivo elaborado a partir de uma retrospectiva sobre a criação e o primeiro ano da TEIA, entre o segundo semestre de 2025 e o segundo semestre de 2026. A reconstrução articula as memórias das autoras a registros institucionais, incluindo estatuto, regimento interno, documentos de planejamento, atas de reuniões, materiais seletivos, comunicações e arquivos das atividades.

Os documentos, produzidos para fins organizacionais, permitem situar decisões e transformações da Liga. Não houve coleta de dados com participantes nem avaliação sistemática de impacto. Os resultados são descritivos e se referem à estrutura, às ações e aos aprendizados reconhecidos pelas autoras como participantes da criação e da gestão. Desse

modo, por se tratar de um relato de experiência das próprias autoras, sem coleta de dados com seres humanos, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Do encontro à proposta de uma liga acadêmica

A criação da TEIA começou no segundo semestre de 2025, quando as autoras em questão se aproximaram a partir de interesses comuns relacionados à formação em Psicologia e à participação estudantil. As conversas iniciais revelaram o desejo compartilhado de construir um espaço no qual estudantes pudessem propor atividades, trocar conhecimentos e participar de experiências formativas para além das disciplinas cursadas conjuntamente.

A possibilidade de organizar uma liga acadêmica ofereceu forma institucional a essa intenção. No início, não havia um modelo integralmente definido, equipe constituída ou divisão de responsabilidades. A proposta se desenvolveu à medida que as estudantes pesquisaram formas de funcionamento, dialogaram sobre os princípios que iriam orientar a iniciativa e convidaram outras pessoas a participar de sua construção.

Identidade, princípios e estrutura organizacional

O nome Território Ético de Intervenção e Acolhimento sintetizou dimensões que as fundadoras desejavam articular. “Território” indicava a construção de um espaço de pertencimento; “ético”, o compromisso com a formação e a atuação responsável; “intervenção”, a intenção de transformar conhecimentos em ações; e “acolhimento”, a forma de relação que deveria orientar tanto as atividades quanto a convivência interna. A escolha do acolhimento foi também estratégica: diante da competitividade que pode atravessar trajetórias acadêmicas, a TEIA buscou favorecer relações cooperativas, nas quais o desenvolvimento individual não dependesse da desvalorização ou da exclusão de outras pessoas. A sigla TEIA expressava a imagem de conexões sustentadas por diferentes integrantes.

A passagem da identidade simbólica para uma organização funcional exigiu estatuto, regimento, documentos de planejamento e fluxos de trabalho. A estrutura reuniu Presidência, Vice-Presidência e as seguintes Diretorias: Acadêmica, Científica, de Projetos, Comunicação, Financeira, Administrativa e de Interseccionalidade. A divisão distribuiu responsabilidades, mas a experiência mostrou que criar cargos não garantia o trabalho coletivo: foi necessário construir rotinas de comunicação, delegação, acompanhamento e registro.

Formação da equipe e consolidação dos processos

Com a ampliação da proposta, novos estudantes passaram a integrar a Liga. Reuniões gerais e encontros por diretoria foram utilizados para distribuir funções, alinhar expectativas e relacionar as tarefas de cada área ao sentido geral da organização.

O crescimento tornou necessária a formalização de processos antes conduzidos diretamente pelas fundadoras. Foram produzidos modelos de planejamento, atribuição de responsabilidades, registro de decisões, controle financeiro e arquivamento. Também foi estruturado um processo seletivo com inscrição, análise de respostas, entrevistas e integração, orientado pelo compromisso ético, pela disposição para aprender e pela capacidade de trabalhar coletivamente.

Pouco após completar seu primeiro ano de atuação, a TEIA passou a reunir quarenta integrantes aproximadamente. A expansão tornou ainda mais necessário descentralizar decisões sem perder coerência. O protagonismo estudantil passou a ser compreendido não como atuação isolada das lideranças, mas como criação de condições para que outras pessoas assumissem responsabilidades e participassem das decisões.

Da organização interna às ações formativas

Os acolhimentos de calouros tornaram-se um marco dessa passagem. Por meio de dinâmicas de apresentação, reconhecimento de afinidades e construção coletiva, a Liga buscou oferecer aos estudantes ingressantes uma experiência inicial de pertencimento. Alguns dos calouros alcançados no período anterior ingressaram posteriormente na TEIA e relataram recordar aquela atividade com carinho, reconhecendo-a como um dia importante de sua trajetória acadêmica. Esse retorno conferiu ao acolhimento um significado que ultrapassou a recepção pontual, o encontro permaneceu como memória e, em alguns casos, converteu-se em desejo de participação. No período seguinte, a experiência acumulada, a ampliação da equipe e a disponibilidade de mais recursos permitiram aperfeiçoar a proposta sem abandonar sua finalidade original.

A rede também ultrapassou a organização de eventos internos. A roda comunitária destinada a mulheres com quarenta anos ou mais da comunidade universitária constituiu um espaço de encontro entre trajetórias que, embora compartilhassem o mesmo ambiente, nem sempre encontravam ocasião para se reconhecer. Sua construção demonstrou que acolher poderia significar criar condições para a continuidade de vínculos e para a formação de redes entre participantes, e não apenas oferecer uma atividade isolada.

A Semana da Psicologia, ação mais recente considerada neste relato, representou outro momento de ampliação. A programação reuniu palestras sobre diferentes abordagens da Psicologia e mobilizou estudantes em tarefas de planejamento, articulação, comunicação e execução. O apoio da instituição e do corpo docente contribuiu para viabilizar o evento e evidenciou o amadurecimento do diálogo entre iniciativa estudantil e comunidade acadêmica. Nesse processo, os membros deixaram de ocupar, somente, a posição de ouvintes: mediaram atividades, produziram materiais, conduziram processos e mobilizaram conhecimentos acadêmicos em situações concretas.

Esses marcos não apenas ilustram o crescimento da Liga, mas modificaram o significado da própria TEIA. O que havia sido proposto como espaço de formação e participação estudantil tornou-se também um lugar de onde nasceram relações entre estudantes, docentes e diferentes grupos da comunidade universitária.

Aprendizados da construção coletiva

A trajetória inicial exigiu rever decisões diante da concentração de tarefas, das diferentes disponibilidades, da comunicação entre diretorias e da necessidade de preservar registros. As fundadoras aprenderam que sustentar uma organização não significava executar tudo, mas dar condições para que o individual fluísse no coletivo e assim fizesse jus ao significado da TEIA. A consolidação da Liga dependeu da passagem de iniciativas individuais para responsabilidades distribuídas. Nesse percurso, a união não operou apenas como afinidade, mas como tecnologia de organização.

O encontro inicial entre duas pessoas converteu-se em uma rede composta por diferentes conhecimentos, interesses e possibilidades de participação. A TEIA não se sustentou porque todos contribuíram da mesma maneira, mas porque contribuições distintas puderam ser articuladas em torno de princípios comuns. Os vínculos produzidos nas atividades, a posterior entrada de estudantes anteriormente acolhidos e as interlocuções estabelecidas com docentes tornaram visível que o principal resultado da organização talvez não estivesse previsto em sua formulação inicial. Ao criar oportunidades formativas, a Liga também passou a criar condições para que pessoas se encontrassem, permanecessem e construíssem novas iniciativas juntas.

Nesse contexto ressalta-se que o indivíduo só toma força no coletivo quando compreendido como singular, quando suas contribuições deixam de ser vistas como ações que se diluem no todo, mas como substâncias fundamentais na construção de tessituras, nós, e pontos que permitem que subjetividades se reconheçam e façam conexões através deles,

tornando suas contribuições dotadas de sentido para si e para seus iguais. Desta forma, ao permitir que rostos e vivências distintas e desconhecidas para parte da multidão, até o momento, tenham espaço e escuta para externar suas histórias e as histórias de seus territórios, se constroi um sistema de identificação e de fortalecimento da comunidade, o que antes se perdia na selva de pessoas, toma remetente.

CONCLUSÃO

O processo de criação e consolidação inicial da TEIA evidenciou como a articulação estudantil pode transformar interesses compartilhados em uma estrutura coletiva de formação e participação universitária. A aproximação entre duas estudantes deu origem a uma Liga com identidade própria, diretorias, documentos de governança e mais de quarenta integrantes. Os acolhimentos de calouros, a roda comunitária de mulheres com quarenta anos ou mais e a Semana da Psicologia demonstraram, em escalas distintas, que a organização interna podia produzir oportunidades formativas, memórias de pertencimento e novas redes. A TEIA tornou-se, assim, mais do que aquilo que havia se proposto a ser no início, não apenas uma estrutura para realizar atividades, mas um lugar de nascimento e continuidade de relações.

Essa ampliação não ocorreu espontaneamente. Ela dependeu de distribuir responsabilidades, registrar processos, comunicar objetivos e construir diálogo institucional. Ao assumir o acolhimento como estratégia diante de dinâmicas competitivas, a TEIA afirmou, em suas práticas, que o desenvolvimento acadêmico pode ser produzido por cooperação, circulação de conhecimentos e fortalecimento mútuo. Preservar essa experiência exige manter sua memória institucional e formar novas lideranças capazes de sustentar não apenas os processos da Liga, mas também as relações que lhe conferem sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2011.

2. Freire P. Pedagogia do Oprimido. 60ª Edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

3. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Diário Oficial da União. 19 dez 2018; Seção 1:49.

4. Organização das Nações Unidas. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4: educação de qualidade [Internet]. Brasília: Nações Unidas Brasil; [citado 2026 ago 28]. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4